

ITAPUÃ, PORTAL DA NOSSA ANCESTRALIDADE

Narcimária Correia do Patrocínio Luz¹

Agô Itapuã!

Ancestral que anuncia os ciclos da vida, transcendência...

RESUMO

Trata-se de uma composição poética que reverencia a territorialidade de Itapuã em Salvador, Bahia. O poema procura trazer reminiscências de tempos imemoriais, além de introduzir reflexões preciosas sobre as elaborações de mundo que constituem o viver cotidiano de Itapuã. As imagens/metáforas entrelaçadas, apelam para linguagens que comunicam numa perspectiva cósmico-mítica a presença das alteridades civilizatórias, a saber: os povos inaugurais, que no poema são chamados de filhos de Pindorama; a presença européia-ibérica, anunciada como os filhos de Prometeu; e a africana anunciada como os filhos-peixe, que recria na travessia transatlântica seu patrimônio civilizatório nas Américas, expandindo-o e promovendo os vínculos de sociabilidade que estruturam e mantêm erguida apesar das adversidades, a territorialidade de Itapuã.

Palavras-chave: ancestralidade; alteridade civilizatória; comunalidade

INTRODUÇÃO²

Os princípios inaugurais de Itapuã estão completamente envoltos pela temporalidade dos tupinambás e dos povos africanos, que se presentificam organizando e estruturando comunalidades que se apuram na infinitude do universo simbólico que constitui os mistérios do mar.

Nesse contexto, “*Itapuã portal da nossa ancestralidade*” procurará dar forma às narrativas valiosas sobre os princípios fundadores da territorialidade, o mistério do viver, as estratégias de continuidade da tradição herança dos antepassados; e comunicar através de recriações de linguagens, o patrimônio dessas civilizações milenares que constituíram os vínculos de sociabilidade que caracterizam Itapuã, fazendo um apelo ao universo simbólico dos povos inaugurais, os tupinambás e o intercâmbio cultural ao longo dos séculos com os povos africanos.

A arqueologia sócio-histórica que vimos realizando nos remete ao mito fundador de Itapuã, que é a “pedra que ronca”, realçando de modo valioso a presença inaugural da comunalidade tupinambá.

Na língua tupi-guarani **ita** significa pedra e **puã** significa choro, gemido: Itapuã. Há também outra interpretação que diz ser Itapuã em tupi, um rochedo que se ergue, a pedra que ergue a cabeça redonda acima das águas na margem do oceano.

A pedra possuía uma grande cavidade no seu interior que acumulava ar e, quando a maré “vazava”, produzia um barulho estrondoso parecia um “ronco”, levando os tupinambás a chamarem-na de Itapuã.

¹ Doutora em Educação; Professora Titular do Departamento de Educação Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); pesquisadora no campo da Educação, Comunicação e Comunalidade africano-brasileira; coordenadora do Programa Descolonização e Educação – PRODESE UNEB/CNPq.

² Dedico esse poema aos povos inaugurais de Itapuã e seus contínuos civilizatórios nas Américas.

Itapuã é um portal que nos liga à nossa ancestralidade e nos aproxima de perspectivas socioexistências milenares valiosas que marcaram o viver cotidiano da comunalidade tupinambá e, por extensão, a comunalidade africano-brasileira.

Como enfatizou o Sr. Nilson dos Santos, conhecido como “Pai Velho”, pescador e presidente da Colônia de Pescadores Z-6 que fica (coincidência ou não) em frente à pedra:

A pedra que ronca é uma referência importante para nós pescadores. Ela estava aqui quando os índios chegaram, os donos da terra... Depois vieram os pescadores que também encontraram ela e como os índios aprenderam a respeitar... Tá vendo ela com a cabeça de fora? Ela tem muita força! Eu chego a me arrepiar todo... Sempre que passo por ela mostro meu respeito por ela e sei que ela observa e sabe... Ela é um ancestral com certeza!”

A composição poética que apresentamos neste texto procura acolher as elaborações que enfatizam o princípio inaugural que é a pedra, referência legitimada por muitos moradores antigos de Itapuã.

Os filhos e filhas de Itapuã, como são conhecidos os moradores antigos que nasceram e cresceram ali, sabem e sentem que fazem parte dessa extensão de valores contidos nesse princípio mítico, que é Itapuã a pedra, aliás toda a comunalidade se identifica com esse imaginário milenar que carrega um significado simbólico profundo que alimenta e dá pulsão à comunalidade africano-brasileira.

Optamos então em realizar uma composição poética que se abastece do discurso próprio, das elaborações simbólicas profundas das pessoas que nasceram em Itapuã e que tem uma relação visceral com essa territorialidade.

Assim, Itapuã a “pedra que ronca”, atravessa os tempos se insurgindo insistindo no direito à existência daqueles/as que se alimentam dos valores que constituem o patrimônio africano-brasileiro. O “ronco” de Itapuã é uma metáfora que carrega as projeções sócio-existenciais dos povos que foram agredidos pelas relações coloniais e de expansão do capitalismo industrial.

O ronco de Itapuã ganha importância e atravessa os séculos anunciando, bradando, denunciando as atrocidades cometidas pela expansão colonial e neocolonial, como também suas formas de recusa às políticas socioeconômicas que tentam aniquilar a pulsão comunal de base africana contemporâneas.

O mar que abriga a pedra Itapuã, é um espaço sagrado, imponente, pleno de mistérios, do imponderável. É preciso respeitá-lo e a relação com ele se faz através de linguagens míticas que ritualizadas apelam para as forças cósmicas que o constituem.

Os princípios de ancestralidade que inauguraram a territorialidade de Itapuã, a exemplo da “pedra que ronca”, caracteriza o repertório mítico dos tupinambás que habitaram Itapuã e os africanos que herdaram o princípio inaugural da pedra atualizando-o até os nossos dias.

Nesse e universo simbólico entram as oferendas para Yemanjá e Oxum, princípios das águas, de suma importância para prover o êxito dos ciclos da pesca que sustentam a expansão comunal.

“Itapuã portal da nossa ancestralidade”, portanto, magnifica as presenças das comunicações tupinambá e africana, abrindo perspectivas de afirmação do princípio de ancestralidade que dinamiza o estar no mundo de muitas comunicações na Bahia, portadoras de sabedorias milenares, como temos vivenciado em Itapuã.

O MAR E A PEDRA

Mar, princípio feminino que carrega o mistério da fertilidade.

Mar, que circula vida e faz expandir a existência.

Mar que percorre as entranhas da pedra desprendendo óvulos, células de bonança e felicidade

Mar que invade a pedra, agora ventre fecundado.

Mar que imprime força e velocidade nas entranhas da pedra fazendo-a gemer anunciando a origem, o começo, o devir

Mar que anuncia na fecundação da pedra o que há de melhor

O infinito marca os ciclos da fecundação

Mar que engravida a pedra transformando-a num grande útero

Mar circulante que realiza a progenitura cria a descendência.

Mar que transporta os filhos-peixe no interior das ondas às vezes serenas, outras agitadas

Mar água salgada que se entrelaça com a água doce corrente dos rios

Mar que projeta destinos transborda alegria e também dor.

Mar que nos acolhe com a serenidade e carícias das grandes mães ancestrais

OS POVOS INAUGURAIS

A pedra fecundada?

Ah!

É um grande mistério!

Os povos inaugurais da terra das palmeiras, chamam-na de Itapuã

A pedra que ronca

A pedra que gemi

A pedra inquieta

A pedra que se recusa a calar!

A pedra que atravessa tempos imemoriais

A pedra que sabe e conta as histórias do lugar

A pedra extensão de muitas vidas que aqui circularam

Itapuã ergue a cabeça sobre as águas nas margens do oceano

Itapuã vê o arco-íris emergindo e retornando a terra

Itapuã vê na areia os filhos de Pindorama, sabe de suas línguas e suas histórias

Eles são os filhos inaugurais da terra

Eles brincam, cantam, sorriem, mergulham, correm, escalam, pulam

Eles fazem roda para celebrar a vida e a alegria que dela emana

Os filhos de pindorama sabem do segredo do ar, do fogo, das águas, do sol, das nuvens.

Eles sabem da seiva que circula em cada planta, da plasticidade das raízes.
Sabem da textura das sementes e das cascas das árvores
E também do cheiro das folhas, das cores das flores, do sumo dos frutos.
Eles constroem casas, canoas, arcos, flechas.
Eles tecem cestos e moldam de forma preciosa o barro
Os filhos inaugurais da terra convivem com as árvores se alimentam dos frutos da terra e dos frutos do mar
Eles sabem de todas as espécies de bichos da terra, do mar, do ar.
Dessa sabedoria acumulada os filhos inaugurais expandem a vida que anima Itapuã
Os filhos inaugurais admiram e reverenciam Itapuã
Itapuã ancestral que fincado no mar, transmite força e sabedoria
Itapuã ancestral que orienta os caminhos sobre o mar encorajando os filhos inaugurais, os filhos de Pindorama
Itapuã ancestral que indica o caminho de volta pra casa
A casa inaugural, plena em harmonia, saúde e paz
Pindorama!

OS FILHOS DE PROMETEU

Mas há algo estranho!
O que está acontecendo?
O que será?
O céu, o sopro do vento, a temperatura da água, o movimento agitado dos peixes.
A luminosidade da água, o cheiro no ar, os vôos perdidos das gaivotas...
Onde está o sol?
Onde está a lua?
Onde estão as estrelas?
Itapuã ancestral sempre acordado vê se aproximando de longe grandes barcos
São os filhos de Prometeu!
Itapuã vê deslizando nas águas grandes barcos que carregam os filhos de Prometeu
Eles carregam nas mãos o fogo que rasga fronteiras, amedronta, intimida e os tornam solitários
Itapuã ronca forte soando tal qual o grito do guerreiro
Itapuã chama os filhos inaugurais alertando-os
Os filhos de Prometeu ignoram a presença de Itapuã
Itapuã assiste inquieta ao desembarque dos filhos de Prometeu
Eles não moram com as árvores e falam outra língua
Os filhos de Prometeu contam histórias de lugares distantes

Histórias de conquistas, de guerras, de dominação, de genocídios, de ganância.
Os filhos de Prometeu devoram os frutos da terra e destroem as árvores
Itapuã vê e chora pela floresta destruída
Os filhos de Prometeu devoram os frutos do mar
Itapuã vê e chora pelo mar invadido, dessacralizado, mar ensangüentado.
Itapuã vê e chora pelo sofrimento dos filhos inaugurais, os filhos de Pindorama
Os filhos de Prometeu são arrogantes e prepotentes
Os filhos de Prometeu sugam a pulsão da vida dos filhos inaugurais
Os filhos inaugurais definham, definham, definham...
Eles vão para a floresta profunda longe de Itapuã
Ah! Quanta saudade, quanta tristeza...
Itapuã continua de cabeça erguida e vê com agonia os filhos de Prometeu devastando a floresta, as dunas, os rios, as lagoas
Eles atravessam o mar para atingir outras terras
Itapuã vê os filhos de Prometeu tentando reduzir a vida em gráficos, cálculos, mapas, máquinas que medem o tempo, que geram a guerra, que desafiam o sol, a lua, as estações do ano, o mar...
Os filhos de Prometeu acreditam que através dessas técnicas que calam o destino e do criador Tupã eles ganham o poder de dominar toda a vida no planeta
Itapuã assiste atônita os filhos de Prometeu erguerem na praia um grande farol
Farol que projeta *faixos* de luz que atravessam a superfície do mar atraindo forasteiros que buscam poder, fama, dinheiro...
Os filhos de Prometeu atravessam o mar sem parar
Não cansam!
Eles rasgam o mar, adentram os oceanos e chegam à África
Eles capturam, escravizam, maltratam outros filhos-peixes que vêm de muito longe

OS FILHOS PEIXES

África!
Esse lugar se liga a Itapuã pelo mar
Ah! África ventre inaugural da humanidade
Ah! África mãe dos filhos-peixes
Os filhos-peixes da África chegam aturdidos, em agonia e sofrimento profundo.
Muito tristes, choram, gritam, lutam, se rebelam...
Não desistem!...
Itapuã de cabeça sempre erguida imponente anuncia a sua presença
Os filhos-peixes, a vêm, a escutam e se põem a admirá-la.
Itapuã acalma-os e lhes transmite a força das grandes Mães que vivem nas águas

Itapuã convida-os a banharem-se nas águas que os acaricia aplacando a dor e as feridas que carregam

Os filhos-peixes contam a Itapuã sobre suas línguas kigongo, kibundo, yorubá, ewê.

Eles detêm conhecimentos valiosos acumulados desde os primórdios da humanidade

Itapuã sorri e se regozija com a vida que volta a florescer através da presença dos filhos-peixes africanos

Eles fazem roda para celebrar a vida e a alegria que dela emana

Eles sabem, respeitam e cultuam o segredo do ar, do fogo, das águas, do sol, do vento, das nuvens.

Eles sabem respeitam e cultuam a seiva que circula em cada planta, a plasticidade das raízes.

Eles sabem respeitam e cultuam a textura das sementes e das cascas das árvores

Eles sabem respeitam e cultuam o odor das folhas, as cores das flores, o sumo dos frutos.

Eles constroem canoas e jangadas que singram a superfície do mar magnificando-o sempre.

Eles tecem redes cujas malhas entrelaçam a vida do mar e da terra

Eles têm o conhecimento sobre a transformação do ferro

Eles moram com as árvores e se alimentam dos frutos da terra e dos frutos do mar

Eles sabem respeitam e cultuam todas as espécies de bichos da terra, do mar, do ar.

Dessa sabedoria acumulada os filhos-peixe expandem a vida que (re)anima Itapuã

Os filhos-peixes admiram e reverenciam Itapuã

Itapuã, portal que carrega o mistério da existência

Itapuã, portal que fincado no mar transmite força e sabedoria

Os filhos-peixes reconhecem em Itapuã o portal que os (re)liga a Yemanjá, a rainha das águas do mar

Os filhos-peixes reconhecem em Itapuã o portal que os (re)liga também a Oxum, a rainha das águas doces que deságuam no mar.

Os filhos-peixes reconhecem em Itapuã o portal que os (re)liga a Martim Pescador

Itapuã portal magnífico exuberante das Iyás poderosas, as mães ancestrais, mães dos filhos-peixes.

A existência africano-brasileira e sua continuidade atravessam os tempos de modo imponente e digno

E Itapuã celebra a continuidade da existência africano-brasileira de cabeça erguida no espaço sagrado que é o mar

Itapuã portal infinito que incentiva e anima os filhos-peixes para que nunca desistam

E eles nunca desistiram, nunca, nunca, nunca...

E os filhos-peixes cantam magnificando o portal sagrado

Ô Igi igi ota omi

Ô Igi igi ota omi ô

Iyá agbá odô

Igi igi ota omi

Ô Igi igi okun mãã
A pedra da água é poderosa
A Mãe ancestral
A pedra do oceano

A PEDRA E O TEMPO

Ê volta no mundo câmará!
Ê, ê mundo dá volta câmará!
Itapuã atravessa os tempos que transformam o mar
Itapuã continua imponente e bela
Itapuã continua com a cabeça erguida sobre as águas do oceano
Mas a cada onda que bate nesse rochedo milenar
Escorregam sobre Itapuã como lágrimas
Lágrimas que emergem do fundo do mar
Anunciando tempos que agridem, tempos que maltratam
Tempos que matam os frutos do mar e da terra
Tempos que vão sucumbindo lentamente a vida dos filhos-peixes
Tempos que não permitem sonhos
Tempos de dor,dor,dor...
Ê volta no mundo câmará!
Ê, ê mundo dá volta câmará!
Itapuã não ronca!
Calaram Itapuã!
O tempo e o silêncio invadiram as entranhas de Itapuã
O mar não pode mais circular nas entranhas da pedra
Itapuã não pode mais gemer anunciando a origem, o começo, o devir
Há um profundo silêncio sobre as águas do mar
Mas o silêncio não conseguiu destruir o magnífico rochedo fincado no mar atravessando
tempos imemoriais
Ê volta no mundo câmará!
Ê, ê mundo dá volta câmará!
Itapuã continua imponente e bela sobre as águas do mar
Olhem lá!
Itapuã continua com a cabeça erguida sobre as águas do oceano
Itapuã sinal nos lembrando sempre que é preciso celebrar a expansão da vida
Itapuã a pedra que mesmo em silêncio continua anunciando nascimento, vida, morte,
renascimento...

Itapuã que mesmo em silêncio continua encorajando e acalentando os filhos-peixe nas suas travessias pelo mar

Itapuã portal infinito fincado no mar, entrelaçando águas doces e salgadas clamando pela celebração da vida, da alegria e da harmonia

Olhem lá!

Itapuã portal dos destinos, dos mistérios sobre o existir, *re-ligare*, transcendência

Itapuã aqui, agora e sempre portal que nos religa à nossa ancestralidade nosso solo de origem

Ê volta no mundo câmará!

Ê, ê mundo dá volta câmará!

RÉSUMÉ

Il est question ici d'une composition poétique qui rend hommage à la territorialité d'Itapuã, à Salvador, Bahia. Le poème cherche à éveiller des réminiscences des temps immémoriaux, et à introduire des réflexions importantes sur les différentes élaborations de monde qui composent le savoir-vivre quotidien d'Itapuã. Les images/métaphores entremêlées font appel à des langages qui communiquent la présence d'altérités civilisatrices diverses, à savoir les peuples fondateurs, qui dans le poème sont désignés par les enfants de Pindorama; la présence européenne-ibérique, annoncée par des enfants de Prométhée; et la présence africaine, soit les enfants-poissons qui, lors de la traversée de l'Atlantique, recréent leur patrimoine civilisateur dans les Amériques, tout en le répandant et en établissant les liens de sociabilité qui structurent – et en maintiennent la présence en dépit des adversités – la territorialité d'Itapuã. Tout cela dans une perspective cosmo-mythique.

Mots-clés: ancestralité; altérité civilisatrice; communalité.